

O PROFESSORADO E A MEDICINA (*)

RAUL PILLA (**)

Aqui estou para de vós receber uma das maiores honras a que eu poderia aspirar: a de incluir-me entre os membros desta preclara companhia. Tamanha honra é, que nunca me animei a desejá-la e, se aqui me acho, entre orgulhoso e confuso, para de vossas mãos a receber, deve-se antes à benevolência e generosidade de alguns colegas e amigos, que logo entre vós encontraram acolhimento, do que a mal sopitada aspiração minha. Julgava-me, e julgo-me demasiado pequeno e obscuro no seio da nossa grande e nobre classe, para alinhar-me entre os seus maiores expoentes.

Vós, porém, assim não o entendestes. Obedeço-vos, conquanto duvidoso, duvidoso de poder corresponder inteiramente à honra excelsa que me conferís. Não discuto — notai bem — a vossa generosidade, acolhendo-me: as decisões de tão alto e autorizado conselho, não se discutem, aceitam-se. Aqui me acho eu para vos obedecer. Mas êste ato, a que somos presentes e eu considero a honra suma de minha já longa vida, leva-me inevitavelmente a um exame de consciência. Que fiz eu, no meu labutar constante, para sair da planície, onde tantos e tantos milhares somos, neste vasto país, para chegar à vossa augusta presença?

EXERCER E ENSINAR A MEDICINA

Creio que em mim vistes principalmente o professor de medicina, que ao seu magistério se dedicou inteiramente.

Se êste é o meu título — podê-lo-ia dizer? — é um título que alguma cousa vale. Professar a medicina não será também exercê-la? Exercê-la, até, multiplicadamente, mais do que por si, pelas centenas de novos médicos, que a exercê-la saem por tôda a parte, desde as capitais, até os ínvios sertões? Quando prestamos o solene juramento hipocrático, não nos diz o Mestre — “ide, podeis exercer e ensinar a Medicina?” Exercer a Medicina e ensiná-la completam-se. Não se pode, pelo menos não se deve exercer a Medicina, sem havê-la aprendido. E, se quem a exerce, a outrem não transmitisse os ensinamentos da sua experiência, não haveria progresso, melhor, não haveria Medicina e tudo se reduziria a empírica e limitada experiência pessoal. Não haveria Medicina como não haveria nenhuma outra ciência ou arte. O que cada um dos maiores vultos da Medicina descobriu ou construiu, nada é em face da enorme soma de conhecimentos que, no correr dos séculos, se foram acumulando e apurando. E mais do que isto, nenhum deles teria podido surgir, porque, ainda que o iluminasse a inspiração do gênio, esta seria como um fugaz relâmpago na solidão. Transmitir o conhecimento é tão importante, quanto elaborá-lo. Eu quase diria que o é mais, porque sem comunicação nunca chegaria a constituir-se a ciência. Haveria, sim, conhecimentos elementares, dispersos e fugazes, fugazes como o próprio ser que os tivesse conseguido.

(*) Discurso proferido por ocasião da posse como membro da Academia Nacional de Medicina a 28 de Setembro de 1960.

(**) Catedrático de Fisiologia na Faculdade de Medicina de Porto Alegre da U.R.G.S.

A MAIS HUMANA E A MAIS DIVINA DAS ARTES

Exercer a Medicina, senhores, é praticar a mais humana das artes. Entende direta e pessoalmente com o homem, com o homem na sua miséria de proscrito, com o homem revestido na fragilidade da sua carne. Ela é quem lhe dá o bordão a que se arrime na áspera caminhada e procura ajudá-lo a chegar ao fim da viagem. O homem, a criatura por excelência de Deus, é tudo para ela. Mas, por isto mesmo, sendo a mais humana das artes, é também a mais divina. O médico, à cabeceira da criatura doente, tem alguma cousa do sacerdote, por mais que o moderno epicurismo lhe queira desconhecer este caráter. E mais ainda com o sacerdote se parece quando não pode sarar, porque lhe cumpre então aliviar e consolar. O médico é também, muitas vezes, um mensageiro da Divina Misericórdia.

Mas se o exercício da Medicina tem um caráter quase sagrado e demanda constantes sacrifícios, menos essencial não é o ensino dela. Em verdade, exercer e ensinar dois aspectos são da mesma tarefa. Ensina-se para exercer, e exerce-se, aprendendo e ensinando. Tão conaturais são, tão implicados se acham o exercer e o ensinar, que antes de surgirem as escolas de medicina, como as conhecemos, antes de haver-se organizado o ensino, todo médico notável formava naturalmente em torno de si uma escola, onde os discípulos, recebendo-lhe os conhecimentos, se preparavam para exercer, por sua vez, a arte. Por isto, ao despedir os discípulos para a prática da profissão, diz-lhes sonolenamente o Mestre: ide, podeis exercer e ensinar a Medicina.

PROFESSOR MODESTO, MAS PROFESSOR

Foi, pois, o professor o que em mim vistes e quisestes assinalar. Nem outra coisa tenho sido, pouco depois que deixei os bancos acadêmicos, senão professor. Professor modesto, mas professor. Professor que não deixou de o ser, nem quando outros deveres o afastaram da

cátedra por um período que já vai longo e provavelmente a ela já não me permitirá retornar. Sou um professor desterrado na Política.

E' o professor, por definição, um homem de ciência. Somente o que se conhece se pode ensinar. Mas é também, ou deve ser, um homem de consciência: ensinar não é apenas transmitir, difundir conhecimentos e fazê-lo com lealdade; é também formar o caráter e a mente dos alunos. Transmitir é essencial, mas não basta. Tal ato só por si não caracteriza o professor. Transmitir conhecimentos a quem capaz seja de os receber, fazem-no os livros, que se acham à disposição de quem os queira versar. Fazem-no também, embora sem a frieza dos livros, os modernos instrumentos de transmissão da palavra e da imagem: o fonógrafo, que evitaria um trabalho todos os anos repetido; o cinema, que, modernamente, à imagem ajunta o som, reproduzindo quase completamente a natureza; a televisão, que difunde no espaço palavra e movimento, dando-lhes um alcance dantes insuspeitado — já não são algumas dezenas de alunos, encerrados numa sala, os que podem ouvir a lição, mas centenas, milhares de pessoas, dispersas, em vasta região.

O PROFESSOR E OS INSTRUMENTOS

Mas tôdas estas maravilhosas invenções, tôdas estas esplêndidas realizações da técnica não passam de simples, conquanto úteis instrumentos nas mãos do professor e não o podem substituir. Deixam o ouvinte distante e passivo, são incapazes de atender-lhe às dúvidas, incompreensões, objeções, e de conhecer-lhe e orientar-lhe as reações do espírito. Não podem, pois, suprir a influência pessoal e imediata do professor, ainda quando reproduzam e multipliquem a palavra de um grande mestre, a qual mais não será, do que apagado éco, sem a presença viva e palpitante do professor, sem a comunhão espiritual entre mestres e discípulos.

Complexa é, pois, a missão do professor, a qual se pode definir como sendo de concorrer para formar a personalidade

do aluno. E tal somente se consegue pelo contato e, mais ainda, pela convivência das pessoas — a que exerce a influência formadora e as que a recebem. E não se supunha ser unilateral e irreversível a influência magistral. Se próprio é do professor exercê-la sobre os alunos, também estes exercem, por sua vez, influência sobre aquêle. O bom aluno não digo que faça o bom professor, porque êste já o deve ser por si mesmo, mas o ajuda, estimula, orienta, e até ensina alguma vez, levando-o a considerar certas questões e a esclarecer certas dúvidas. Até o mau aluno ensina sempre alguma coisa, mais até do que o bom, com as dificuldades e obstáculos que lhe opõe. Assim, se o professor faz o aluno, o aluno também faz o professor. O ensino é propriamente intercomunicação e, talvez mais, interpenetração do espírito. A cátedra, insulada nas alturas do Olimpo, seria eminente e preclara, mas pouco ensinaria aos que dela necessitam.

PROFESSOR — HOMEM DE CIÊNCIA E DE CONSCIÊNCIA

Por tudo isto, digo eu, senhores, que o professor deve ser homem de ciência e de consciência, não simples expositor de conhecimentos. Ciência sem consciência fará o sabedor, fará talvez o sábio, concedido que êste não tenha compromissos com a verdade e com a humanidade, mas não fará nunca o professor. Ensinar é sempre, de algum modo, educar, modelar personalidades, ainda quando de pura doutrina se trate. Pela maneira de apresentá-la, desenvolvê-la, criticá-la, influi inevitavelmente o professor no ânimo dos estudantes e contribui para a sua formação mental. Como poderá fazê-lo útilmente o homem sem consciência, que indiferente se mostra ao destino dos alunos e para o qual não passa a aula de um jogo de palavras brilhantes, onde êle a si mesmo se revê? Repito: é o professor homem de ciência e, mais ainda, homem de consciência. Ciência muita e consciência pouca não fazem um professor digno dêste nome; podem, porém, fazê-lo ciência modesta servida por grande consciência.

A MISSÃO MAGISTRAL NA UNIVERSIDADE

No ensino primário e também no secundário, tal se admite universalmente, pois se trata da criatura humana ainda em pleno desenvolvimento. A educação deve ser integral, não somente intelectual. Evidente se faz então a ação pessoal do professor sobre o aluno. Vale o ensino o que vale o professor. No ensino superior, porém, a tendência é reduzir o papel do professor à ministração das leis da ciência e dos preceitos da arte. Supõe-se, mal avisadamente, que o homem já ali chega formado e só requer conhecimentos, quando, em verdade, o que se recebe na Universidade são criaturas que estão a completar a sua formação. Tal concepção, errônea por incompleta, da missão magistral nos cursos superiores, tende a distanciar o professor dos seus alunos, reduzindo uns e outros a abstrações viventes: uma abstração a agitar-se na cátedra, as outras abstrações quedando-se nos bancos escolares.

Assim dizendo, não estou a imaginar o professor universitário de fêrula em punho, a tomar contas a seus alunos, como um mestre-escola. Estou, sim, reconhecendo a necessidade da colaboração ativa, embora naturalmente menos estreita, entre professor e estudantes. O ensino é sempre, em qualquer dos seus graus, ato de comunicação e solidariedade humanas.

REFORMAS E REFORMAÇÃO

Por isto é que, sem negar o valor e a necessidade das reformas do ensino, que podem corrigir métodos e programas, tenho sustentado estar no professor a peça essencial de toda reforma eficaz. O bom professor, compenetrado da sua missão, poderá superar os maus programas e os viciosos regulamentos; mas não há regulamento, nem programa, capaz de fazer de um mau, um bom professor. Como eu já disse certa vez, mais que de uma reforma, havemos mister de uma reformação.

O que eu estou aqui dizendo, não é nenhuma novidade, e muito menos o se-

rá para vós, eminentíssimos confrades. Mas, ainda que de todos sabida, é a verdade por mim vivida; e, porque o have-la vivido é, senão o único, certamente o meu maior título para entre vós comparecer, necessário se fazia que eu aqui o exhibisse. Tenho sido essencialmente professor: professor, ensinando na escola; professor, procurando educar na vida pública. Talvez mau professor, mas sempre professor.

O PROFESSOR E A POLÍTICA

A respeito dêste professorado, permiti, senhores, que eu aqui reproduza palavras proferidas há catorze anos, ao agradecer a homenagem que a Federação dos Estudantes Universitários de Porto Alegre nos prestava a mim e a outro colega, que, pela eleição à Assembléia Nacional Constituinte, fôramos afastados da atividade docente.

“Dois professôres são afastados da sua cátedra para exercer um mandato legislativo. Deixam o ensino pela política. Trocam a serenidade da meditação e do estudo, pela agitação dos debates parlamentares. Abandonam o ambiente onde a verdade é tudo, pelo teatro onde a conveniência pode, às vêzes, mais que a verdade e a justiça. Terão êles relegado os deveres da missão a que votaram a sua vida? Terão como que abjurado êsse sacerdócio, que é o ensino?”

“Não e não. Que assim o não entendestes, demonstra-o esta reunião. Não se festejam trânsfugas, não se agasalham desertores. Agasalham-se e festejam-se os trabalhadores que vêm buscar, no regaço dos seus, um breve descanso da sua rude faina.

“E” que, em verdade, nós, professôres, que estamos na política, não deixamos, por isto, de professar e, pelo contrário, assumimos um magistério mais dificultoso e, por certo, muito mais ingrato.

“E” a política — continuava eu — ao mesmo tempo a mais bela e a mais feia, a mais nobre e a mais desprezível das atividades humanas. Tanto mais desprezível e feia nas suas deformações, quando mais nobre e bela na sua pureza originária. Porquê, se ela se pode definir na arte do bem comum, converte-se na arte do mal supremo, quando se deixa

tomar da paixão do poder e esquece os seus altos objetivos.

“Por que esta espantosa inversão? Por que nos sai um monstro o que devera ser uma fada benfazeja? Múltiplas são, por certo, as causas. Mas a principal é, sem dúvida, a carência de educação. Falta-nos educação cívica, falta-nos educação política.

“Se esta é a grande falha, que haverá mais adequado a um professor que o exercício da atividade política? Se na cátedra da sua escola êle ensina a verdade e exemplifica a justiça, há-de também exemplificar a justiça e ensinar a verdade na cátedra mais alta, donde fala não somente a seus alunos, mas à nação inteira. A sua missão, pois, não mudou ao transportar-se de um para outro cenário: ampliou-se, e nada mais. Se o professor, o verdadeiro professor, não pode deixar de ser, na sua cátedra, o político que prepara o futuro da pátria; o político, também não pode deixar de ser o professor que ensina, adverte, corrige e conduz.

“Eis, porque, senhores, não julgo tenhamos fugido aos nossos deveres funcionais os professôres que, neste retôrno às instituições democráticas, nos afastamos por algum tempo da “alma mater” que é a Universidade. Professôres somos e continuamos a ser. E, se como deputados, nos constituímos representantes de partidos, também representamos no parlamento o espírito da Universidade onde professamos. Se, entre mim e o nobre colega que comigo compartilha as honras desta noite, existem diferenças partidárias, há também entre mim e êle alguma cousa comum e muito forte — a mentalidade que o magistério pressupõe e desenvolve em todos quantos o exercem com consciência e dignidade.

“Se nos afastamos da escola para exercer uma alta função política, certo é também que nela já exercitávamos uma função política fundamental — a educação da mocidade, o preparo das gerações que amanhã tomarão nas mãos o destino da nacionalidade.”

Perdoai-me, senhores acadêmicos, o haver-me reproduzido. Não é uma citação que de mim faço, senão um depoimento que de mim presto, uma justificação que a mim mesmo apresento. Se o meu título de professor bastante não fôs-

se, para comparecer perante vós, nenhum outro eu encontraria para vos exhibir. Há três lustros, isto era o que eu pensava do meu professorado na Faculdade de Medicina de Pôrto Alegre. Hoje, só poderia acrescentar que, com o correr do tempo, se foi algum tanto atenuando a nostalgia da cátedra, que então me conflagra.

A FUNÇÃO ESSENCIAL DO PROFESSOR

Disse eu, há pouco, que professor, mas professor modesto, tenho sido. Esta condição talvez não se coadune bem com a honra que me conferistes. Grande professor, professor excepcional, estaria melhor. Mas nada tenho que retificar na expressão empregada.

A modéstia do meu professorado resulta não só das deficiências da minha personalidade, mas também, da concepção que sempre tive, da missão do meu magistério. A função essencial do professor é ensinar, é transmitir conhecimentos, é, em suma, formar o espírito dos alunos e prepará-los para exercer a sua atividade na sociedade. O professor pode ser também um pesquisador, um construtor da ciência. Isto é, devendo ser sábio, pode ser também cientista. Pode sê-lo, mas não é forçoso que o seja. O professor que descursasse o ensino, para se dedicar somente à pesquisa, faltaria sem dúvida nenhuma, ao seu primordial dever, que é, por definição, ensinar, a não ser que nesta mais modesta, mas fundamental tarefa, se pudesse êle fazer substituir por assistentes. E, ainda assim, caber-lhe-ia orientar e vigiar o ensino ministrado. Alhear-se inteiramente dele não poderia, sem deixar de ser professor.

Ora, quando, há cerca de quarenta anos, iniciei a carreira no magistério, escassos eram os recursos materiais da minha escola e ridículos os vencimentos do professor, que somente no amor ao ensino encontravam compensação. O laboratório da minha cadeira — a Fisiologia — apenas comportava as demonstrações clássicas, que na época não demandavam custoso aparelhamento. Não havia assistentes. Tudo recaía sobre o

professor: desde a preparação do material para a aula experimental, até a exposição da doutrina. Ensinar, simplesmente, era tudo quanto se podia fazer, além de ensaios críticos e doutrinários, que também constituem ensino.

O ENSINO E A INVESTIGAÇÃO

Mas não somente em consequência de tais limitações de ordem material me confinei no ensino, deixando de parte a pesquisa para a qual talvez não estivesse de todo incapacitado. Era também uma orientação, que eu conscientemente tomava. Naquela primeira fase dos estudos superiores no meu Estado, o essencial era ensinar, ensinar bem, ensinar conscientemente, procurar elevar o nível cultural, porque somente assim se poderia criar a atmosfera, o ambiente, em que se pudesse exercitar útilmente a pesquisa e, mais do que a simples pesquisa, a edificação da ciência. A posse de um laboratório é muito, mas longe está de ser tudo e, até, de ser o principal. Simples experiências "para ver", podem, às vezes, dar algum resultado, e, até, um extraordinário resultado, mas não se podem verdadeiramente considerar método de pesquisa científica. Em todo experimento, mister é que haja orientação, um pensamento vector, ou para ser confirmado, ou para ser destruído, ou para ser modificado. O experimento é apenas um anel da cadeia de atos mentais que constituem a investigação científica.

Não me parece, senhores, que, assim procedendo, eu tenha andado mal. Dei precedência e, mais ainda, exclusividade ao ensino. Assim continuei, ainda quando passei a ter assistentes, o que foi grande progresso e me aliviou grandemente a árdua tarefa de todos os dias. Mais tarde — pensava eu — viria naturalmente a fase da pesquisa. Foi o que se deu, de um lado graças ao interesse dos meus assistentes, que se foram aperfeiçoar no estrangeiro, adquirindo a técnica que ainda lhes faltava, de outro lado, graças aos recursos materiais que iam chegando, graças principalmente aos auxílios das beneméritas organizações estrangeiras de fomento da ciência. Sur-

giu assim o Instituto de Fisiologia da Universidade do Rio Grande do Sul, com sede na Faculdade de Medicina de Porto Alegre, e no qual, além de fazerem-se pesquisas, se ministram cursos de extensão universitária.

Para esta notável fase do labor universitário no campo da Fisiologia, eu não contribuí direta e pessoalmente. Embora se tivesse esboçado estando eu ainda na regência da cátedra, só depois que a dei-xei, para exercer um mandato representativo, foi que ela verdadeiramente se processou. O mérito é dos auxiliares, um dos quais me substituiu na regência da cadeira. Posso dizer, porém, que, dando importância fundamental ao ensino da Fisiologia e imprimindo-lhe seriedade, preparei o terreno para esta magnífica floração, de que muitos frutos se podem esperar. O professor precede necessariamente o pesquisador.

AGRADECIMENTO E HOMENAGEM

Ouvistes, senhores, o orador que me recebeu à porta desta augusta Casa. A honra que me conferís, recebendo-me, acrescentais a generosidade do paraninfo, meu conterrâneo e amigo, além de confrade eminente, saudando-me. Que poderei eu fazer, senão agradecer comodamente as suas expressões, repassadas de extremada benevolência?

Confundem-me e — por que o não direi? — lisongeiavam-me as suas palavras. Confesso-o, ainda que possa parecer fraqueza. Vejo que o obscuro, mas continuado esforço de tódia uma já longa vida não passou despercebido. Pode não ter sido muito fecundo o mau labor, mas trouxe-me uma recompensa, que eu não teria ousado esperar: ser aqui agasalhado.

E que representa isto? Melhor do que

eu o sabeis, preclaros confrades. Tanto quanto eu o sabem os que, neste país, não andam alheios às cousas do espírito. Não é esta Academia uma simples corporação de profissionais, não é também uma simples associação de sábios: sendo tudo isto, é muito mais, porque, havendo nascido nos primeiros anos da Independência, a 28 de maio de 1829, como Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro, dizer-se pode que nasceu com o Brasil e pelo Brasil tem velado incessantemente. Está profundamente ligada aos destinos da nacionalidade. Entretecida com a do País está entretecida a sua própria história.

Relatá-la, aqui, seria descabido. Vós a conheceis melhor do que eu, porque a tendes vivido. A mim, o que me cabe é aprendê-la, é inspirar-me nela, como neófito que sou. Mas, justamente porque o sou, não posso deixar de prestar reverência à Academia, na pessoa de um dos seus mais eminentes membros, professor também e dos maiores, o que, de todos, foi o que mais longamente a presidiu. Refiro-me, senhores, a Miguel Couto, Mestre na mais completa acepção da palavra, Mestre pelo saber e pela bondade, a qual é, no clínico, a mais alta e eficaz forma do saber. Miguel Couto é, por si só, o sinal de que esta mais que centenária instituição não envelhece, não decai e, no passar das gerações, continua exercendo altamente a sua grande função social e o seu assinalado papel histórico.

Vêde agora, preclaros confrades, a tremenda responsabilidade de que me carregais, juntamente com a honra altíssima de que me revestís. Chegado sou à idade, em que tudo vai predispondo ao repouso. Dizeis-me, porém, hora não ser ainda de repousar. Se lassos estão os membros, o espírito não adormeceu. Pois aqui estou eu para cumprir o vosso mandamento, como o mais desvalido dos vossos servidores.